

É PRECISO MAIS PAULO FREIRE: NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS E UMA CONVERSA DE UM JOVEM PROFESSOR GAY COM O PATRONO DA EDUCAÇÃO, AMBOS ANTIFASCISTAS

IT TAKES MORE PAULO FREIRE: AUTOBIOGRAPHICAL NARRATIVES AND A CONVERSATION OF A YOUNG GAY TEACHER WITH THE PATRON OF EDUCATION, BOTH ANTIFASCISTS

SE NECESITA MÁS PAULO FREIRE: NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS Y UNA CONVERSACIÓN DE UN JOVEN PROFESOR GAY CON EL PATRÓN DE LA EDUCACIÓN, AMBOS ANTIFASCISTAS

Franklin Kaic Dutra-Pereira¹

Resumo: Em tempos de ascensão do neofascismo brasileiro, do autoritarismo instalado desde que a extrema direita assumiu a presidência desse país, da negação da vida, obra e ensinamentos de Paulo Freire, esse texto assume dentro de um arcabouço pós-crítico como um ato de resistência, ao tecer conversas para refletir, a partir de narrativas de cunho autobiográfico, sobre as contribuições das obras freirianas para e na mudança da prática de um professor de Química. O texto apresenta a conversa como metodologia de pesquisa, trazendo como contorno músicas brasileiras que eram ouvidas enquanto escrevia o artigo. Assim, as conversas científicas inserem-se como atos de resistência às políticas neoliberais que têm regulado a Educação no Brasil. Por isso, consideramos que as narrativas, as músicas, as análises freirianas e o arcabouço teórico pós-crítico que fundamentam este artigo, foram necessários para finalizar apresentando pistas para a mudança e transformação do e no mundo, como convida os dois professores antifascistas.

Palavras-chave: Paulo Freire. Conversa como Pesquisa. Narrativas autobiográficas. Políticas Educacionais.

Abstract: In times of rise of Brazilian neofascism, of authoritarianism installed since the extreme right assumed the presidency of this country, of the denial of life, work and teachings of Paulo Freire, this text assumes within a post-critical framework as an act of resistance, by weaving conversations to reflect, from narratives of autobiographical nature, on the contributions of freirianaworks to and in the change of the practice of a chemistry teacher. The text presents the conversation as a research methodology, bringing as outline Brazilian songs that were heard while writing the article. Thus, scientific conversations are part of acts of resistance to neoliberal policies that have regulated education

¹ Curriculista das Ciências. Licenciado em Química (CES/UFCG) e um dos doutores mais jovens do país em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM/UFRN). Amante por entender as entrelinhas das narrativas [(auto)biográficas] e práticas pedagógicas na Licenciatura em Química, enquanto professor do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa/BA. Líder do RESSONAR - Coletivo Universitário de Pesquisa em Representação Social, Narrativas [auto(bio)gráficas] e Argumentação em Educação Científica. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas Curriculares (GEPPC/UFRB). ANTIFASCISTA. Defende a democracia, a escola e a diversidade. Destitui o mito com conhecimento científico. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4486-6124>. E-mail: franklinkaic@gmail.com.

in Brazil. Therefore, we consider that the narratives, the songs, the freirian analysis and the post-critical theoretical framework that underlie this article were necessary to finish presenting clues for the change and transformation of and in the world, as invited by the two antifascist teachers.

Keywords: Paulo Freire. Conversation as Search. Autobiographical narratives. Educational Policies.

Resumen: En tiempos de auge del neofascismo brasileño, del autoritarismo instalado desde que la extrema derecha asumió la presidencia de este país, de la negación de la vida, el trabajo y las enseñanzas de Paulo Freire, este texto asume dentro de un marco postcrítico como un acto de resistencia, tejiendo conversaciones para reflexionar, desde narrativas de carácter autobiográfico, sobre los aportes de freirianaworks hasta y en el cambio de la práctica de un profesor de química. El texto presenta la conversación como una metodología de investigación, trayendo como esquema canciones brasileñas que se escucharon mientras se escribía el artículo. Así, las conversaciones científicas son parte de actos de resistencia a las políticas neoliberales que han regulado la educación en Brasil. Por lo tanto, consideramos que las narrativas, las canciones, el análisis freirian y el marco teórico postcrítico que subyacen a este artículo fueron necesarios para terminar de presentar pistas para el cambio y la transformación de y en el mundo, como invitaron los dos maestros antifascistas.

Palabras-clave: Paulo Freire. La conversación como búsqueda. Narrativas autobiográficas. Políticas Educativas.

Primeiras palavras para iniciar uma conversa...

2

Nas noites de frio, é melhor nem nascer
Nas de calor, se escolhe: é matar ou morrer
E, assim, nos tornamos brasileiros
Te chamam de ladrão, de bicha, maconheiro
Transformam o país inteiro num puteiro
Pois, assim, se ganha mais dinheiro
(O tempo não para – Cazuza)

Início esse texto emocionado. Sim, emocionado! Em tempos de ódio, de perseguição, de fratura democrática, de ascensão do neofascismo brasileiro, e tempos de rupturas do pensamento, da vida, da necropolítica, falar de/em e conversar com Paulo Freire, muito me alegrou. Emocionei-me porque neste centenário da vida de Paulo Freire, defini sua obra como um alicerce para alguns escritos de minhas pesquisas, andanças, presenças de labirintos e as brechas que consegui identificar na minha área de atuação e investigação, a saber: Currículo, Ensino de Química e Diversidade².

Não recente a inserção dele na minha vida. Lembro de minha Tia, irmã do meu genitor, falando que participara de uma palestra com Paulo Freire na Universidade Estadual da Paraíba, quando ela cursava Licenciatura em Geografia. Ela lembra que era uma apresentação do

² Sobre tal temática, sugiro a leitura de Silva, Rios e Silva (2021), Jakimiu (2021) e Mattos, Cruz, Raia e Gomes (2020).

renomado e debatido livro “Pedagogia do Oprimido”. Foi um misto de sensação, ela contava, ‘sentia com a fala dele, uma vontade de ler e aprender com toda aquela sabedoria’. Estava em sua frente um dos maiores pensadores da Educação Brasileira.

Toda aquela história que me contava mais me instigava a construir mundos, pensar diferentes modos de conhecer e adentrar em sua obra, principalmente envolver-se na e com a escola, com o ensinar. Pensamentos estes que foram sendo provisórios, e as vezes esquecido na graduação, sobretudo no curso de Licenciatura em Química, pois há um entendimento que a base pedagógica e da Educação sempre é desvalorizado. É tanto que reacendo as leituras e o querer estudar Paulo Freire, na seleção do doutorado em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Paulo Freire completa 100 anos. Sua obra será eterna, seus ensinamentos constituirão outros novos pensadores e colaborará para diversas pesquisas, sobretudo na área da educação. É um autor-pensador-crítico-revolucionário da Educação que precisa ser estudado em todas as licenciaturas, principalmente nas da Ciências da Natureza, pois estamos sobrevivendo em tempos de ataques, perseguição, do neofascismo brasileiro, e inúmeras tentativas de golpes do estado democrático de direito, comandado por uma equipe despreparada que compõe o Ministério da Educação, representado pelo fascista e genocida da extrema direita, eleito via golpe midiático-jurídico, Jair Bolsonaro.

Este ser, que infelizmente está presidente da república (2018-2022) tem transformado, como disse Cazusa (1988) “*o país inteiro num puteiro, pois, assim, se ganha mais dinheiro*”. Eleito com pautas autoritárias, nazifascista, como o mito, o salvador da Pátria, com um discurso político-ideológico da extrema direita, utilizando artimanhas de *fakenews* e perseguição aos pensadores contrários ao abismo que nos foi posto, como ferramenta discursiva que o elegeu. Para além de tantas, utilizou-se e ainda utiliza para permanecer em sua conduta de selvageria doentia, as práticas de compra e venda, na qual o presidente do congresso nacional não põe em pauta os mais de cem processos de pedidos de *impeachment*.

É Paulo Freire, a “coisa aqui está feia”! E é justamente sobre a feiura que devemos conversar. Eu sei que você não está entre nós, de forma física, mas na mente, na memória, na fala, nos vídeos, nos risos, nos atos pedagógicos, no amor que foi lançado para alfabetizar jovens e adultos, nos escritos, nos livros, você permanece e permanecerá por muito tempo, pois, nós pesquisadores temos lembrado e defendido o seu legado, mesmo que ainda haja ataques a sua imagem. Fruto também deste governo que é doente e adoce tantos outros diariamente, sobretudo nós, que somos a própria resistência a este pensamento.

Porém, é chegado a hora de perguntar o que quero com e neste artigo. Responderia prontamente, numa conversa entre pessoas que pensam a educação, (re)acender, re(ex)sistir, (re)pensar, a vida e os feitos de Paulo Freire, porém é para além disso. Quero neste artigo, permanecer vivo, com as chamas da esperança, com a força de um jovem, que inicia sua carreira na universidade de forma muito repentina.

Assim, não é de se estranhar, que este estudo, que beira a perspectiva pós-crítica – se é que possível encaixotar pesquisas-pensamentos-registros-vida-memórias-narrativas de duas pessoas que precisam de liberdade – de pensar as pesquisas em Educação, amparado no arcabouço teórico-metodológico qualitativo e exploratório como bem fundamentou Bogdan e Biklen (1994), com trincheiras das pesquisas em narrativas da formação e autobiográficas, utilizando para tal os escritos de Souza (2006).

Utilizo dos pressupostos teóricos da conversa como metodologia de pesquisa (RIBEIRO, SOUZA, SAMPAIO, 2018, p. 175), uma vez que

"a aposta na conversa como metodologia de pesquisa implica assumir, ética e politicamente, o fazer investigativo como uma (inter)ação compartilhada, compreendendo os sujeitos da educação como produtores de saberes pedagógicos e modos de relacionar e habitar o educativo. Por isso, o compromisso de investigar com e não sobre o outro. Com porque, ao assumir essa postura, se nos coloca a pergunta: quem melhor do que os/as 'habitantes', os/as praticantes dos espaços educativos para falar sobre o que aí vivem diariamente?"

Como operador cognitivo, apresentarei trechos de músicas atuais, para apresentar o diálogo entre mim e Paulo Freire. Ao que se parece é muito estranho, talvez uma conversa com alguém que já não está entre nós, com alguém que está atuando a menos de quatro anos no Ensino Superior, porém que já está na caminhada da Educação Pública, desde os três anos de idade, quando iniciei o processo de escolarização.

E é neste impulso de falar *decomsobre* mim, que iniciarei o diálogo com Paulo Freire, trazendo relações com os escritos dele, depois uma análise das políticas atuais e o quanto precisamos de Paulo Freire, pois estamos sobrevivendo com os aspectos do opressor, em detrimento a milhares de oprimidos, mesmo aqueles/as que permanecem em situação de privilégio, pelo fato de ter onde morar, onde trabalhar, onde dormir, e até mesmo o que comer³.

³ O Brasil, com Bolsonaro volta ao mapa da fome, com mais de 49,6 milhões de brasileiros/as em situação de insegurança alimentar. Para saber mais, leiam: GUIMARÃES, José. Com Bolsonaro, o Brasil voltou ao mapa da fome. **Carta Capital**, 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opinioao/frente-ampla/com-bolsonaro-o-brasil-voltou-ao-mapa-da-fome/>. Acesso em: 26 ago. 2021.

Farei uma crítica ao movimento da Educação não libertária, pautada pela regulação do pensamento e de políticas de morte, principalmente com o movimento neoliberal que tem adentrado nas escolas, nas universidades, nas casas de cada brasileiro/a, na indústria, no mercado. Paulo, a meritocracia cada vez ganha espaço neste sistema opressor. Bem que você tinha razão, “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor” (FREIRE, 2011, p. 269).

A estrutura deste artigo, de forma de conversa, é uma resistência as opressões que são geradas em torno de todo o universo das publicações, sobretudo em periódicos. Mas também o é, uma resistência e o sentimento de pertencimento a um texto (re)criado, (re)pensado, (re)lido, (re)escrito por mim. Por um professor, que já foi oprimido, e hoje encontra-se em uma dimensão de opressão, que o próprio “sistema educacional” do ensino superior nos impõe.

Escrevo, geralmente na primeira pessoa, para sair do que é imposição. Escrevo porque me mantenho vivo. Escrevo para mim, para você, leitor/a. Escrevo porque existo. Escrevo porque respiro⁴. Escrevo para que outras pessoas escrevam. Escrevo para que tenhamos escritos e registros do nosso pensamento. Escrevo porque quero manter a chama viva da esperança de que um dia tenhamos um longo diálogo, ao qual pretendo fazer daqui a diante com Paulo Freire. Escrevo porque é um ato político, estético e de resistência.

Escreverei uma/algumas/várias conversas outras com Paulo Freire, porque acima de tudo, queremos afirmar que os diversos estilos de escrita são bem-vindos nas pesquisas em Educação, nas pesquisas em Ensino de Química, nas pesquisas em Educação em Ciências. O que me parece bem contraditório quando não são valorizadas formas outras de narrar pesquisas, pois a crítica que estabelecemos por muito tempo foi aos modos positivistas de se fazer e publicar as pesquisas que realizamos.

Assim, as formas como vejo o mundo, como vejo Freire, sempre perpassaram pela minha vivência, pela minha história, pelas minhas experiências. Formas/modelos/pensamentos que me constituem no que sou e estou hoje, agora. Pois, como enfatiza Maknamara (2014, p. 168-169)

Trata-se de decidir fazer o escrito reverberar o fluxo da vida porquanto qualquer modo de escrita articula-se às escolhas teórico-políticas de quem

⁴ Mais um privilégio em meio ao governo Bolsonaro, a qual nos encontramos em uma grava crise sanitária mundial, desde março de 2020, ocasionada pela pandemia de COVID-19, que mais de 570 mil brasileiros/as morreram por falta de oxigênio e pura incompetência do Ministério da Saúde, comandado pelo Genocida do Presidente da República, respaldados pela corrupção e negação do conhecimento científico, em não comprar as vacinas, que as pesquisas demonstravam ser únicas e eficazes ao vírus SARS-CoV-2 e suas diversas variantes. Não perdoaremos tamanha violência contra a população brasileira.

escreve. Nesse sentido, parece ser potente trabalhar a escrita como inscrição, deixando claro por meio de nossos textos como nos apresentamos, como nos colocamos no mundo e como gostaríamos que nossos objetos fossem apresentados.

Portanto, meu objetivo é dar sentido ao que penso, baseado nos escritos de Paulo Freire e na minha história de vida. É uma autobiografia para “dar sentido ao que somos e ao que nos acontece” (LARROSA, 2002, p. 21). É estabelecer relações entre o que aconteceu, acontece e irá acontecer com os rumos da educação desse país que todos os dias reacende e liberta diversos fascistas. Por isso, passarei a falar *sobrecomigo*. Eu falando de mim mesmo de e para Paulo Freire, utilizando diferentes linguagens, pois “[...] é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como ‘sujeito’; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser” (BENVENISTE, 2005, p. 286).

A conversa será necessária metodologicamente, para que possamos avançar na sua utilização, pois

conversar é um modo legítimo de investigação, de relação, porque implica uma forma especial de prestar atenção, de inquietar(se) e indagar(se) a partir da experiência, da vivência, das falas do outro. Conversar como gesto de escuta, quiçá como princípio e metodologia, como nos ensinam os Emberas, povo indígena colombiano cuja educação se baseia na premissa da escuta: semeadura do silêncio, suspensão da pressa, esquecimento da explicação... Escuta como tentativa de enxergar o outro e sua voz, sempre grávida de histórias e de sabedoria, de sair um pouco de si para receber e deixar-se banhar pela palavra alheia, as ressonâncias de sua experiência e vivências (...). Nas conversações, falas e narrativas, não buscamos verdades: escuta-se e conversa-se não pela construção de uma verdade, mas pela desconstrução de muitas. Dessa maneira, interessam-nos ressonâncias, experiências grávidas, relatos com alguém dentro, habitados, encarnados, vividos... Em vez de verdades, interessam-nos e animam experiências e narrações vitais (RIBEIRO, SKLIAR, 2020, p. 18).

Desse modo, conversar *comentresobre* minha vida e os ensinamentos dos diversos espaços-aprendentes ao longo de minha trajetória acadêmica profissional, possibilitará pensar *nosdoscom* o outro, para que se possa por para fora as diferentes inquietações dos construtos que passou a fazer enquanto professor-pesquisador-curioso que atuou na Educação Básica e agora atua no Ensino Superior. Converso porque quero ser ouvido e nada melhor do que conversando com as palavras. Por isso a necessidade de cientificar para a compreendê-la como conversas científicas.

“E quando eu canto cor... E quando eu grito cor... E quando eu espalho cor... Eu conto a minha história”⁵

Deixa eu me apresentar
Que eu acabei de chegar
Depois que me escutar
Você vai lembrar meu nome
É que eu sou dum lugar
Onde o céu molha o chão
Céu e chão gruda no pé
Amarelo, azul e branco
(Anavítória, 2021)

Um sertanejo paraibano e a necessidade de historiar sua vida. E quando se trata de um professor de Química, que nunca havia imaginado escrever uma auto(bio)grafia relacionando-a com um dos professores mais lido e estudado, como Paulo Freire, torna-se assustador e construir tal narrativa. Aliás, contar o vivido não é uma tarefa fácil! É árdua, faz-nos ficar aflitos. Em contrapartida nos tornamos mais seguros e maduros, aprendemos.

As trajetórias e os sentidos da formação que aqui serão tecidas de forma que, ao final, espero construir uma rede. Rede de sentimentos, de desejos, de choros, de alegrias, de (in)sucessos, de práticas, de experimentos, de aulas, de diálogos, de práxis. Rede de informação sobre o meu eu. Sobre o meu ser. O Eu Professor de Química.

Como adverte Paulo Freire, “Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde... Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática” (FREIRE, 1991, p. 58). Portanto, aqui me permito refletir sobre os aspectos que contribuíram para a minha formação como professor de Química, bem como as atitudes colaborativas e dialógicas-freirianas para um aspirante a professor do magistério superior de Ensino de Química. Por tais motivos, que começarei trazer elementos do contexto da realidade à época, para movimentar e me libertar enquanto autor-narrador-pesquisador-pensador-provocador da história de vida em busca de intersecções com as obras de Freire.

Em 1993, ano importante para lésbicas, gays, bissexuais e travestis (LGBT) e para a história de duas famílias sertanejas. Em Washington/EUA, acontecia a primeira marcha dos LGBT, a qual reivindicava, dentre outras coisas, a inclusão da categoria “transgênero”. Enquanto isso nascia o primogênito do casal Francinilza Dutra Pereira e Joacifran Alves Dutra,

⁵ Trecho da música “Amarelo, azul e branco”, composta pelas cantoras conhecidas por AnaVítória e lançada no ano de 2021, no disco intitulado “Cor”.

que depois viria a ser criado por Irene Pereira Linhares e Daniel Monteiro Linhares (*in memorian*).

Numa consulta ao acervo do jornal Folha de São Paulo, especificamente no dia 17 de maio de 1993, vi inúmeros acontecimentos que me levaram a pensar que estaria lendo fatos da atual conjuntura brasileira:

O país está à deriva. A Constituição desrespeitada. O povo à beira do colapso, em face dos três grandes males da economia, desorganizada pela federação, ou seja, a inflação, a recessão e o desemprego. Os políticos pensam apenas em manter o poder ou conquistar mais poder. Os candidatos à Presidência, descaradamente, partiram para a agressão aos atuais governantes, em linguagem muitas vezes digna de bordéis e não de ambientes civilizados. O país vai mal, mas irá muito pior se os direitos fundamentais dos cidadãos forem desrespeitados, como têm sido, com o que se abre caminho para as teses golpistas, que ninguém de bom senso deseja. (MARTINS, 1993, p. 2).

A situação desmedida de desgoverno na política brasileira não cessava. Martins (1993) complementa a sua narrativa, contando-nos que, nesse mesmo dia, professores das universidades federais entraram em greve, buscando isonomia no repasse dos recursos financeiros, especificamente os da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Além disso, os procuradores da Justiça de Brasília – Ítalo Fioravente e Odim Ferreira – enviaram um pedido à Polícia Federal, para investigar a Odebrecht. Incrivelmente, e infelizmente, as semelhanças nem sempre são coincidências. A História se repete!

Enquanto tudo isso acontecia – nos EUA, em Brasília ou em São Paulo –, eu nascia a uma distância de 2.536 quilômetros do Distrito Federal, no Hospital do Seridó (Caicó/RN), por falta de maternidade em Brejo do Cruz/PB. Assim, fui criado no alto-sertão da Paraíba, dividindo-me entre a família biológica e a família adotiva até os 15 anos de idade.

Lembro-me que eu era um menino galego, com trejeitos femininos, muito simpático, sorridente e feliz. Tinha e tenho uma relação catastrófica com meu pai biológico, que é alcoólatra e me negava como seu filho. Ele era agressivo, tanto verbalmente como fisicamente, e impunha que eu “criasse jeito de macho”. Mas, como escreveu Clarice Lispector, tudo no mundo começou com um sim e foi assim que eu fui morar com outra família: mamãe Irene, a primeira enfermeira de Brejo do Cruz/PB, e papai Daniel, falecido em 2015, aos quais devo eterna gratidão por todo apoio, amor e ensinamentos.

Em 2003, Enquanto Lula – como ficara conhecido – iniciava seu mandato, eu começava o Ensino Fundamental II na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Olímpio Maia, conhecido na cidade como o “colégio”. Foi também nesse mesmo período que

eu tive o meu primeiro contato com a docência, pois, devido as minhas famílias terem me educado no catolicismo, entrei para a Pastoral da Catequese, na qual atuei por quatro anos seguidos.

Como no ano de 2005 o “colégio” passava por uma reforma, fomos realocados na Escola Municipal de Ensino Fundamental Terezinha Garcia Pereira, onde cursamos a 8ª série (atualmente 9º ano). Mas, terminada a reforma, voltamos para o “colégio”, uma vez que era a única instituição na cidade de Brejo do Cruz que ofertava o Ensino Médio. Lá tive a experiência de estudar no turno matutino, tendo professores que nos oprimiam e proferiam palavras como: “você têm um vocabulário muito pobre, não terão capacidade de passar em vestibular nenhum”. Mesmo assim, tais declarações não foram suficientes para nos desencorajar, pois muitos conseguiram ser aprovados em universidades públicas e tornaram-se profissionais.

Como para todos os concluintes do Ensino Médio o maior desejo era deixar os pais orgulhosos, com o ingresso no Ensino Superior, em mim ele se duplicava. Assim, fiz vestibular para três instituições públicas: Universidade Federal da Paraíba (Terapia Ocupacional), Universidade Estadual da Paraíba (Fisioterapia) e Universidade Federal de Campina Grande (Enfermagem). Nas duas primeiras consegui ficar na lista de espera, mas na última não obtive aprovação.

Conforme iam passando os dias e eu não era convocado nas novas listas publicadas, fui ficando angustiado. Mas minha mãe biológica – apesar de não ter concluído a Educação Básica – tinha a convicção de que uma hora eu iria realizar meu sonho, que também era o dela.

Em janeiro de 2010, a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) lançou um edital com as vagas remanescentes no Campus de Centro de Educação e Saúde (CES) em Cuité/PB, onde eu havia concorrido ao curso de Enfermagem. Dessa vez, teria que escolher entre as quatro licenciaturas que lá eram ofertadas – Biologia, Física, Matemática e Química. Entre todas, optei pela Química, que dispunha de 16 vagas e para a qual eu tinha uma pontuação suficiente para entrar. Fui aprovado!

No início do curso me deparei com diversas dificuldades pessoais, além daquelas acadêmicas, pois tinha apenas 15 anos, tive que morar sozinho e longe da casa dos meus pais. Alguns dias dava vontade de desistir, uma vez que ainda não sabia se era aquele curso que eu queria para minha carreira profissional.

No entremeio das experiências de ensino, pesquisa e extensão realizei estágios curriculares supervisionados em duas escolas: a Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio Orlando Venâncio dos Santos, em Cuité/PB, onde realizei os estágios supervisionados I

e III; e a Escola Estadual do Ensino Médio Prof. Lordão, em Picuí/PB, onde realizei o estágio II.

Dessas experiências de estágio que tive, destaco as seguintes dificuldades formativas: ausência de orientação por parte dos professores da Instituição de Ensino Superior, pouca presença dos professores-supervisores enquanto estávamos na regência, poucas aulas sobre o que fazer no estágio em Química, falta de entendimento da importância de tais práticas para minha formação, falta de *feedback* dos relatórios entregues à Instituição de Ensino Superior sobre as práticas pedagógicas realizadas no Ensino de Química.

Assim como os elétrons transitam nas camadas, fui me movimentando em minha história de vida/meu processo formativo. Desse modo, ainda terminando a graduação, seguindo o conselho da Profa. Joana – que me orientara no PIBIC –, submeti-me à seleção de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Engenharia Mecânica da UFRN.

Tendo em vista que a UFCG se encontrava com um calendário acadêmico diferente das demais instituições de Ensino Superior – devido a uma greve dos professores – e a impossibilidade de acontecer outro processo seletivo naquele meio ano, enfrentei o desafio de fazer pesquisa numa área correlata. Assim, após aprovado na seleção e ainda concluindo a graduação, iniciei os meus estudos no mestrado. Como resultado de todo o percurso no mestrado, defendi, em 2016, a dissertação intitulada “Avaliação da ação corrosiva de diferentes biodiesel sobre o Aço AISI 316 utilizando métodos eletroquímicos e planejamento estatístico”. No entanto, meu desejo pela docência permanecia, sobretudo quando tive a oportunidade de participar do Curso de Iniciação à Docência (CID).

No referido curso, feito durante o mestrado, pude conhecer outro modo de estagiar, que despertou em mim a reflexão sobre a/docência, fez-me enxergar alguns desafios do processo de ensino-aprendizagem e chamou a minha atenção para aspectos relacionados à formação do professor para o magistério no Ensino Superior. Permitiu-me, nesse sentido, considerar a necessária articulação entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão, além de identificar a dissociação ainda existente entre pós e graduação, nas práticas educativas das universidades brasileiras.

No ano de 2017, após concluir o mestrado, dediquei-me à docência no Ensino Médio na Escola Cidadã Integral Técnica de São Bento/PB. Nesse mesmo ano fui aprovado no doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da UFRN, com um projeto que objetivava estudar o estágio curricular supervisionado realizado na Licenciatura em Química à Distância. Assim, escrevi uma tese na qual analiso as aventuras das narrativas

presentes nos memoriais descritivos das experiências de estágio, buscando identificar elementos que apontem para a construção da identidade docente do(a) licenciando(a) em Química.

Foi neste percurso da minha história de vida, que me reaproximei de Paulo Freire. A escola que tinha em seu nome cidadã, me fez questionar que cidadania estávamos praticando nos currículos quando apenas obedecíamos as ordens que a secretaria do estado nos mandava. Nós docentes não tínhamos autonomia, não tínhamos liberdade. Esse período me retoma Paulo Freire, pois comecei a estudá-lo novamente, principalmente porque éramos silenciados, pela empresa que já comandava os modos de ensinar na escola pública.

Foi preciso muita resistência para que pudéssemos atuar na escola cidadã. Parece até contraditório, que na cidadania não podíamos ter liberdade e nem autonomia. Era necessário muitas vezes esconder-nos dentro de um discurso vazio, sem sentido tanto para a gente que ensinava, quanto para aqueles que aprendiam. Entretanto, ao entender Paulo Freire e atuar em cima de seus pressupostos metodológicos, pensava as aulas a partir do diálogo, pois

O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes. Não é também discussão guerreira, polêmica, entre sujeitos que não aspiram a comprometer-se com a pronúncia do mundo, nem a buscar a verdade, mas a impor a sua (FREIRE, 1996, p. 79).

A ideia de um professor que corrompesse com as estruturas de mecanismos regulatórios predeterminados pelas empresas educacionais, na qual o estado obedecia, me feria enquanto profissional da Educação Química. Era um ataque a todo meu conhecimento, a todos meus anos de estudo. Assim, passei a aspirar e encontrar pistas enquanto um professor progressista, ao corromper um sistema que não tinha nada de cidadão e ainda matava as histórias de vida dos estudantes e a minha. Visto que para ser e estar professor para e da cidadania, um ser “progressista ensina os conteúdos de sua disciplina com rigor e com rigor cobra a produção dos educandos, mas não esconde sua opção política na neutralidade impossível de seu *quefazer*” (FREIRE, 2000, p.44)

Desse modo, foram essas as brechas e armaduras que tive que calçar para defender das tragédias – que já vínhamos anunciando o que estava vindo nos anos de 2016 –, quando o Jair Bolsonaro fazia sua campanha, se elegia e assumia a presidência da república, mesmo sendo

apresentado como um dos piores candidatos possíveis para assumir o auto cargo do serviço público no Brasil.

Porém, só é apenas em 2019, que me doutoro em Ensino de Ciências, e me torno um dos doutores mais jovens do país, e um dos docentes mais jovens ao compor o quadro de professor efetivo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, atuando no Centro de Formação de Professores, em Amargosa/BA. É neste período também que sinto a necessidade aprofundar os estudos em políticas curriculares, e por isso me integrei ao GEPPC - Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas Curriculares.

Porém, algo me fazia falta, sobretudo nos estudos que relacionasse “diversidade, ensino de química e histórias de vida”. Desse modo, após diversos debates com uma professora, pensamos, dialogamos, estudamos e fundamos o Grupo de Pesquisa cadastrado no CNPq, o RESSONAR - Coletivo Universitário de Pesquisa em Representação Social, Narrativas [auto(bio)gráficas] e Argumentação em Educação Científica.

É na integração entre história de vida e os grupos de pesquisa que componho que desde então tenho utilizado Paulo Freire para explicar as facetas das práticas e da práxis pedagógica, sobretudo na tentativa de educar para a liberdade, pois os cursos de Licenciatura em Química, corrobora para o aprisionamento do conhecimento e da docência, principalmente com sua estrutura curricular pautada no positivismo e nos moldes tradicionais da ciência. Por isso, quero, conforme ele nos ensinou

Educar e educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde a “sede do saber”, até a “sede da ignorância” para “salvar”, com este saber, os que habitam nesta. Ao contrário, educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais (FREIRE, 1996, p. 25)

Partindo para a conversa entre dois professores antifascistas...

Educar e educar-se ou ensinar, atualmente não tem sido fácil, Paulo Freire. Está desgastante, por n motivos. Sobretudo pelas posturas autoritárias e opressoras que engendrou o ministério da educação, pela ausência de valorização do trabalho docente, pela não reciprocidade, pela falta de liberdade, pela prisão da autonomia. Pela *necrodocência*⁶ ocorrida

⁶ Conceito sendo utilizado aqui, porém foi falado pela primeira pela Prof. Dra. Rochele Loguercio da UFRGS, numa live em plena pandemia, intitulada “A perspectiva pós-crítica e a educação em ciências: por um currículo

desde que a democracia brasileira sofreu o golpe e acordou o fascismo, bem como pelas políticas educacionais neoliberais atuais que têm atuado e regulado as instituições de ensino. E é sobre isso, que conversaremos a seguir, já que conversei um pouco *de e sobre* mim, da minha história, da minha vida, da minha autobiografia.

Penso que a minha história de vida, tem muito a ver com a sua atuação, Paulo Freire. Seja enquanto docente ou seja enquanto sonhador da Educação Brasileira. Você pensou, você sonhou, você escreveu, você experienciou, você viveu, você respirou as diferentes formas de educar, alfabetizar, libertar, ensinar, aproximar, amar. Você nos ensinou a amar. Amar o outro, amar a si, amar a Educação. Talvez seja por tanto amor, que nos é dado nos seus escritos, que me encorajou a lutar, e amar a Educação, sobretudo a escrever sobre o meu passado, sobre a minha história.

Para seguir conversando, foi necessário narrar de forma escrita as minhas vivências, as minhas trajetórias formativas, para expressar meu encontro com Paulo Freire. Pois como entoa Rita Lee,

Ao meu passado
Eu devo o meu saber e a minha ignorância
As minhas necessidades, as minhas relações
A minha cultura e o meu corpo
Que espaço o meu passado deixa para a minha liberdade hoje?
Não sou escrava dele
(Rita Lee, 2021)

E quando eu encontro Paulo Freire, eu me liberto, eu me sustento

Meu caminho é novo, mas meu povo não
Meu coração de fogo vem do coração do meu país
Meu caminho é novo, mas meu povo não
O norte é a minha seta, o meu eixo, a minha raiz
(Anavitória, 2021)

Hoje, diante a conjuntura política que o Brasil se encontra, com ascensão de tanta maldade, posso dizer que vivemos no tempo de analfabetismo político, com identidades sendo descontextualizadas, causando transtornos e negação do pensamento freiriano. Falar de Paulo Freire é também pensar no outro, para além da dimensão política, que também é transcendental.

heterotópico”. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0BxMwjrgSF4>. Acesso em: 17 set. 2021.

É viver, é ser, é ver a forma e os modos os quais ele escreve para resistir. É uma forma de modificar o mundo.

Paulo Freire com suas ideias, propôs a alfabetização de adultos. Ele é existencialista! Ele é humano, e tudo é produção cultural, feita pelo humano, trazendo sobretudo as ideias de Sartre. Freire tem preceitos entre a cristandade e mundanidade. Trazendo Marx e a fé para compreender a desigualdade da sociedade. Dentro dessa perspectiva, que propõe as suas ideias numa base filosófica e de cunho metodológico para repensar os processos de alfabetização.

Paulo Freire é marcado, sobretudo, na atualidade neofascista e negacionista, como um autor sem fundamento. E posso te reafirmar que isso não acontece. Paulo Freire é o próprio fundamento. Esse discurso, dos não pensadores da Educação não traz, portanto, a grandiosidade e complexidade de sua obra com diferentes vertentes, sobretudo de diferentes filósofos, os quais são referências para ele.

Paulo freire, sempre esteve um passo a frente, era um nítido pesquisador-educador-pensador educacional, político, formativo e contemporâneo (para sua época). Ele acreditava sempre no povo, na ação do povo. Ele alfabetizou várias pessoas, e é bom lembrarmos sobre o porquê de ter sido preso na ditadura militar. Pelo simples fato de alfabetizar.

Pedagogia do Oprimido... quem nunca ouviu falar? Quem nunca se (des)esperançou ao lê-la. Por sua dificuldade, complexidade, porém com traços e marcas da história de um professor que se preocupa com o humano, com o outro, com as lutas de classe e da exclusão da maioria da população.

A auto desvalia é outra característica dos oprimidos. Resulta da introjeção, que não fazem eles da visão que deles têm os opressores. De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua “incapacidade”. Falam de si como o que não sabem e do “doutor” como o que sabe e a quem devem escutar. Os critérios de saber que lhe são impostos são os convencionais. Não se percebem, quase sempre, conhecendo, nas relações que estabelecem com o mundo e com os outros homens. Ainda que um conhecimento ao nível da pura doxa. (FREIRE, 2019, p. 69).

E continua afirmando como os oprimidos se sentem

Dentro desta visão inautêntica de si e do mundo os oprimidos se sentem como se fossem uma quase “coisa” possuída pelo opressor. Enquanto, no seu afã de possuir, para este, como afirmamos, ser é ter à custa quase sempre dos que não têm, para os oprimidos, num momento de sua experiência existencial, ser nem sequer é ainda parecer com o opressor, mas é estar sob ele. É depender. Daí que os oprimidos sejam dependentes emocionais. (FREIRE, 2019, p. 71).

Freire nos deixa claro em “Educação como prática de liberdade” que o percurso de alfabetização não é pensado só por ele, mas uma ajuda coletiva que compôs esse método de alfabetização. Sendo assim, uma proposta existencial. É um ir à existência do outro. É importar-se com a história de vida de cada pessoa que está ali para dialogar com o mundo e as experiências vividas. Portanto, a vocação antológica do homem é ser mais. É transcender-se. E por isso, suas obras apresentam as dimensões que estão intrínsecas em sua pedagogia: a ecológica, a social, a praxeológica, a cósmica e a espiritual.

Paulo Freire nega o radicalismo e o sectarismo pelas implicações que tem na não-dialogicidade e redução do povo. Faltando, portanto, a criticidade, sobretudo com esse movimento vivenciado na atual conjuntura, caracterizada pela involução política mediada pelas *fakenews*.

Essa condução que nos é arranjada, neste emaranhado de inverdades, é uma forma de atacar aqueles que pensam diferente e defendem a democracia. É a oportunidade para a volta de discursos e da defesa do indefensável. Não é de se estranhar que pautas como: democracia, educação, gênero, orientação sexual, escola, docência, práticas pedagógicas dialógicas, se tornaram sinônimos de um “delírio comunista⁷”, na qual nunca se teve no Brasil.

Na verdade é uma oportunidade de trazer à tona a realidade do movimento da escola sem partido⁸, para pensar sobre a imparcialidade e as visões ideológicas, pois conforme Freire, “não existe imparcialidade. Todos são orientados por uma base ideológica. A questão é: sua base ideológica é inclusiva ou excludente?”. Estamos, portanto, [nos] excluindo ou incluindo os outros?

O que mais temos percebido nesta conjuntura de extrema direita no país é um processo de exclusão irreparável, na qual muitas lacunas e perdas são encontradas neste retrocesso que nos foi imposto por aqueles que pensavam num mito para salvar a pátria dos “delírios comunistas”. Era o salvador do Brasil, de todos os males que os Governo Lula e o Governo

⁷ A atriz Juliana Paes, gravou um vídeo em suas redes sociais, no qual ao mesmo tempo rechaçou o bolsonarismo e o que e o que chamou de “delírios comunistas da extrema esquerda”. BARBOSA, Gustavo Freire. Os ‘delírios do capitalismo’ da direita brasileira: Acreditar que, mesmo em meio a tanta desigualdade, é possível ser ‘neutro’ é um delírio capitalista. **CartaCapital**, 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/os-delirios-do-capitalismo-da-direita-brasileira/>. Acesso em: 26 ago. 2021.

⁸ O projeto prevê que a atividade docente se dê com base em neutralidade política, ideológica e religiosa, sob a justificativa de que “professores e autores de livros didáticos vêm se utilizando de suas aulas para tentar obter a adesão de estudantes a a determinadas correntes políticas e ideológicas” e “para fazer com que eles adotem padrões de julgamento e de conduta moral – especialmente moral sexual – incompatíveis com os que lhes são ensinados por seus pais ou responsáveis”. BASILIO, Ana Luiza. Belo Horizonte é a primeira capital a aprovar o Escola sem Partido. **CartaCapital**, 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/belo-horizonte-e-a-primeira-capital-a-aprovar-o-escola-sem-partido/>. Acesso em: 26 ago. 2021.

Dilma, ambos do Partido dos Trabalhadores (PT), ocasionaram quando eram Presidente e Presidenta, respectivamente, da República do Brasil.

Pois é, Paulo Freire, no Brasil atual, estamos tentando voar, assim como ensinou Mário Quintana, porém, como eternizou na voz da amada Elis Regina, “eles venceram e o sinal está fechado pra nós, que somos jovens” (BELCHIOR, 1976). Mas, penso que é por enquanto. Estamos, enquanto professores-pesquisadores-jovens-universitários-sonhadores fazendo o trabalho de base, assim como você nos ensinou. É necessário nos encontrarmos enquanto sujeitos políticos para dimensionar os impactos e fortalecer a luta, sobretudo para barrar os retrocessos da educação e defender a própria democracia que Levitsky e Ziblatt (2018) nos alertou como elas morrem.

A democracia é [uma palavra] cara. É um processo permanente. É uma verdadeira prática de diálogo. É um mecanismo que devemos sempre revisitar e vigiar. É um governo do e para o povo. Que pretende resguardar o direito de cada pessoa. E o que estamos fazendo e deixando fazer com ela? A democracia deve permanecer viva e não esmorecer na luta pela vida e pelo povo. Pela permanência dos direitos, que atualmente tem se degradado historicamente com a ascensão de políticas neoliberais e práticas neofascistas.

E é sobre essas ascensões radicais e unicamente ideológicas da política de extrema direita, que continuarei conversando, na tentativa de entender que muitos querem esquecer, mas jamais o deixaremos, pois quem é comemorado com 100 anos, jamais deve ser esquecido e talvez, com seus pensamentos eternizados em sua obra, você Freire, será a nossa saída, a nossa luz, a nossa esperança, a nossa liberdade.

Das bases de um currículo comum ao apagamento da vida e de Freire

Antes de iniciar falando sobre as trevas, as posturas radicais da extrema direita, sobretudo da implementação de currículos que apagam a subjetividade e tentam padronizar pensamentos, didáticas, aprendizagens e o próprio ensino (COUBE, 2021), quero enfatizar como deixamos chegar neste momento tão abissal, que deixaram prevalecer as posturas fascistas, extremistas, excludentes, em busca de um discurso de combater a ideologia da esquerda, bem como o delírio comunista nas escolas públicas brasileiras, alicerçados de uma postura discursiva, na qual enfatizaram uma precariedade que eles mesmo inventaram para aprovar políticas que excluem, apaga e invisibiliza (DUTRA-PEREIRA; BORTOLAI; LIMA, 2021).

O ano era 2014, quando a Presidenta Dilma Rousseff (PT) foi reeleita pelo voto democrático de direito, com 51,64% dos votos válidos, derrotando o candidato Aécio Neves (PSDB). Assim, começa-se o caça as bruxas. Não é de hoje, que mulheres em função de poder, exercida em cargos que nunca fora espaços deixados para elas – principalmente num país que desde a sua democratização em 1988 nunca tivera uma mulher na Presidência da República –, são perseguidas, chicoteadas e até queimadas.

Não é de se estranhar que aconteceria isso com a Presidenta Dilma. Não nos moldes com fogueira ou como você presenciou de forma bem violenta as torturas ocorridas na ditadura de 1964⁹, mas por uma perseguição da própria mídia, utilizando como massa de manobra aqueles que estavam infelizes com o governo. Paulo, não direi que o Governo da Dilma foi uma das melhores em todo o período democrático, pois assim como outros, havia muitos erros, mas se tinha uma coisa, que a mulher tem – que fora arrodada e enxurrada de piadas e discursos machistas – era a sua consciência tranquila, sobretudo, em não se vender as práticas corruptas do parlamento, principalmente na compra de deputados/as e senadores/as.

Portanto, com essas práticas doentias da política brasileira – sinto muito por isso, pois pouca coisa mudou – não é de se esperar que a população se revoltaria e ela sofreria um golpe político-midiático-autoritária-machista-neoconservador, apoiado por outras instâncias e países, sobretudo com influência dos Estados Unidos, ao grampear os microfones de forma autoritária da presidenta. E hoje, em pleno 2021, vemos que a história está desvelada e a cada dia a presidenta Dilma está sendo inocentada. Foi, desde 2016 – ano do golpe, que me orgulho em não ter apoiado – o maior ataque que a democracia poderia ter. É neste ano também, que o golpista, Michel Temer (PMDB), passou a presidir este país, instaurando e aprovando políticas educacionais autoritárias e neoliberais.

E é sobre as políticas educacionais que conversaremos, pois, antes mesmo do Golpe, havíamos uma parcela de docentes-pesquisadores/as especialistas em currículo, debatendo as metas do Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2014), na qual respaldada pela Constituição Federal Brasileira (BRASIL, 1988) garantia uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para todo o território do Brasil.

⁹ A ditadura militar, ocorrida nos anos de 1964, que perdurou por um longo período sombrio da história no nosso país, era um mecanismo ideológico antidemocrático, na qual o presidente Jair Bolsonaro assume publicamente ter gostado e reforça e abraça com todas as garras as práticas violentas, num verdadeiro “caça aos vermelhos”. Não houve penas uns “probleminhas” – discurso do então, atual presidente em 2019. BARROCAL, André. Ditadura concentrou renda, matou e era corrupta. **CartaCapital**, 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/ditadura-concentrou-renda-matou-e-era-corrupta/>. Acesso em: 27 ago. 2021.

Desse modo, começou-se ainda no governo Dilma esse debate/diálogo em torno da BNCC, porém com o Golpe de 2016, os grandes empresários educacionais (ANTUNES, 2017) começam a movimentar-se – Movimento Todos Pela Educação, Movimento pela Base, Fundação Lemann, Instituto Ayrton Senna, Itaú BBA, Instituto Unibanco, entre outras – para aprovação de um documento, pautados em discurso que as avaliações em larga escala – que eles mesmo elaboraram – apontam o Brasil com uma Educação não desejável, para não dizer imprestável – a luz deles.

Pois é, Freire, é neste viés mercantilista-entreguistas-privatista da Educação que as escolas, institutos e universidades se encontram. Nada mais é do que as políticas neoliberais sendo estrategicamente impostas para comandar o Estado. O que querem, é

1. Atrelar a educação escolar à preparação para o trabalho e a pesquisa acadêmica ao imperativo do mercado ou às necessidades da livre iniciativa. Assegurar que o mundo empresarial tem interesse na educação porque deseja uma força de trabalho qualificada, apta para a competição no mercado nacional e internacional. [...]
2. Tornar a escola um meio de transmissão dos seus princípios doutrinários. O que está em questão é a adequação da escola à ideologia dominante. [...]
3. Fazer da escola um mercado para os produtos da indústria cultural e da informática, o que, aliás, é coerente com idéia de fazer a escola funcionar de forma semelhante ao mercado, mas é contraditório porque, enquanto, no discurso, os neoliberais condenam a participação direta do Estado no financiamento da educação, na prática, não hesitam em aproveitar os subsídios estatais para divulgar seus produtos didáticos e paradidáticos no mercado escolar. (MARRACH, 1996, p. 46-48).

Veja, Paulo, eles não aprenderam nada com seus ensinamentos, com seus pensamentos, seus livros. Se quer utilizam seus escritos na própria BNCC. Eles querem continuar oprimindo os mais pobres, colonizando o colonizado, oprimindo os oprimidos. Não aceitaram ver os menos favorecidos – assim como eu – ocupando espaços, ocupando universidades, ocupando consultórios, ocupando terras, ocupando tempos, que nunca foram deixados ou pensados para nós.

Eles estão com o poder, nós estamos com o conhecimento. Nós estamos contigo Freire e sei que em algum lugar você está conosco. Eles querem transformar as escolas em empresas, para “administrar” o espaço escolar e terem lucro. É um mecanismo muito bem arquitetado. Desde a proposição da BNCC para Educação Básica, passando pela implementação desta bem como a elaboração e aprovação do Plano Nacional dos Livros Didáticas – que as empresas favoráveis a BNCC já estão lucrando com isso – até a (re)formulação dos currículos de

formação de professores nas universidades públicas, com a aprovação da Base Nacional de Formação Inicial e Continuada de Professores.

E o pior, Freire, que as manifestações ocorridas, pouco está tendo impacto nos espaços dos opressores. Temos visto as implementações desenfreadas destas bases em todo o território nacional. Estamos perdendo as estruturas, os eixos, mas a gente precisa esperar, como você bem nos ensinou. É preciso que reinventemos este mundo para que as próximas gerações possam viver felizes, com consciência dos bem comum e que possam defender os seus ideais.

É preciso ter esperança. Mas tem de ser esperança do verbo esperar. Porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. Esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. “Ah, eu espero que melhore, que funcione, que resolva”. Já esperar é ir atrás, é se juntar, é não desistir. É ser capaz de recusar aquilo que apodrece a nossa capacidade de integridade e a nossa fé ativa nas obras. Esperança é a capacidade de olhar e reagir aquilo que parece não ter saída. Por isso, é muito diferente de esperar; temos mesmo é de esperar! (FREIRE, 1992, s.p.).

Assim, neste convite a não desistir, porém “[...] *é preciso ter força, é preciso ter raça, é preciso ter gana sempre [...]*” (NASCIMENTO, 1999) para peitar essa implementação que apaga, que exprime, que exclui, que oprime, que invisibiliza, sobretudo os/as profissionais docentes da Biologia, Física e Química, ao reduzir essas três grande áreas numa única apenas, como está previsto na BNCC apenas Ciências no Ensino Fundamental, ou itinerário formativo de Ciências da Natureza e suas tecnologias, no Ensino Médio.

O currículo das escolas está cada vez mais reduzido, na qual só se pensa na formação de mão-de-obra barata, para enriquecer ainda mais os grandes empresários do país, que acumulam as fortunas, enquanto muitos/as voltaram a passar fome e não terem onde morar. Estamos num desespero, que as vezes nos falta esperança e o único desejo é desistir.

Porém, continuamos na luta. É preciso contribuir e perceber as forças da nossa luta, da nossa briga, da nossa consciência, do nosso grito do oprimido, do nosso clamor, da nossa revolta, das nossas ações, dos nossos diálogos, da nossa defesa. É bonito de se ver. A cada dia que estudamos teus escritos percebemos o quão necessário é ouvi-lo nesses tempos sombrios de BNCC e de políticas neoliberais. Nós somos a resistência!

Bom, Paulo, nós temos muito que conversar sobre essas bases que já alertamos em todos os locais do país sobre as posturas arrogantes, indolentes e malévolas (SÜSSEKIND, 2019) que a BNCC e a reforma do ensino médio possuem. É uma verdadeira postura fascista, autoritária. Não há diálogo com o povo, com a escola, com os/as estudantes, com os/as docentes, com a sociedade. Não há mais amor desde que o golpe ocorreu.

Enfim, eu sei que a conversa se alongou, mas eu precisava desabafar. Nada melhor do que ser ouvido por uma pessoa que tanto contribuiu com minha formação de mundo, de política, de vivência, de escolarização, de alfabetização. Penso, que você não ia gostar do que têm acontecido com a democracia e com os espaços públicos que se aprende e produz conhecimento científico, quão menos das leituras equivocadas que as empresas têm realizado de suas obras, em cima de práticas neoliberais, meritocráticas e de autoajuda. Porém, quero informar que ficará para uma outra conversa, pois agora tentarei ir para a finalização desta.

O desfecho de uma conversa entre dois antifascistas: “amarelo, azul e branco”

É que eu sou dum lugar
Onde o céu molha o chão
Céu e chão gruda no pé
Amarelo, azul e branco
(Anavítória, 2021)

Início o desfecho de nossa conversa com essa parte da música de AnaVítória, para (re)lembrar da força do brasileiro, do nordestino, do “paraibaiano” – o meu encontro entre de onde sou e de onde estou. Mas é também uma tentativa de resgatar o orgulho pelas cores do nosso país, o “amarelo, azul e branco”, além do verde, que geralmente é o que nos causa mais repulsa¹⁰.

Resgatar a força, a esperança é uma estratégia de sobrevivência neste árido deserto de políticas e práticas opressoras que tem assombrado aqueles que sonham no Brasil. Por isso, nesse texto, tentei, de certo modo, conversar com Paulo Freire, para parabenizá-lo por seu centenário de vida, mas também para reacender a chama da esperança, abrindo o diálogo e pensando nas contribuições freirianas teóricas-metodológicas-epistêmicas das leituras que fiz e faço, sobretudo para alertar os mecanismos antidemocráticos que tem ressurgido no país.

Encerro esse texto no dia 31 de agosto de 2021. Dia triste, pois completa-se 5 anos do temeroso Golpe ao Estado Democrático de Direito, que desde então temos vivenciado o resultado disso pois, nas palavras da ex-presidenta Dilma Rousseff, “a corrosão da democracia começou com o impeachment” (ROUSSEFF, 2021, s/p). Essa corrosão tem perpassado por

¹⁰ O presidente da República, ou melhor “o mito” – figura fictícia do período histórico – ficou conhecido como um dos aliados a moral e aos bons costumes conservadores. Seus seguidores, e abismem-se incluem aqui mulheres e pessoas LGBTQIA+, fizeram uso da camisa verde e amarela da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e ficou uma marca registrada deste grupo de apoiadores seletos das ações da extrema direita no país, o que desde então, nos causa repulsa e faz com que identifiquemos de longe seus apoiadores.

todas as esferas estruturais do país, desde a segurança do estado até a Educação. E como pude dialogar aqui, principalmente a Educação Pública, está cada vez mais ameaçada de se controlada pelos empresários.

Conversar com Paulo Freire aqui, foi sem dúvida um ato de ousadia, de rebeldia, um ato de coragem! Ousadia porque não foi encontrado nenhum artigo com esta estrutura, de uma conversa como um movimento de pesquisa; de rebeldia, no bom sentido, pois faço apontamentos e apostas para que a democracia, a escola, a universidade, a educação, a vida, a imagem e as leituras de Paulo Freire não morram; e coragem porque escancarei as impossibilidades de, em pleno século XXI, termos mitos comandando o país, principalmente quando são aliados a facções e a milícia.

A trajetória que aqui narrei, da minha história auto[bio]gráfica, foi necessária para que pudesse encontrar-me e encontrar Paulo Freire. Foi neste encontro de duas almas, ousado dizer, que me fiz perceber e pertencer a um espaço que não me cabia e que não me sentia participar. É nítido, o quanto Paulo Freire foi e ainda é importante na minha e na trajetória de tantos/as outros docentes que acreditam e defendem a Educação emancipatória, sobretudo.

Termino esse texto, com o desejo que a docência possa ser autônoma e dialógica, pois, para essa prática é necessário relações outras, com e entre pessoas que

Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só com o diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. [...] Somente pela virtual da crença, contudo, tem o diálogo estímulo e significação: pela crença no homem e nas suas possibilidades, pela crença de que somente chego a ser eles mesmos (FREIRE, 2008, p. 116).

Aqui o diálogo e a conversa foi uma porta de entrada-saída de desafios, de desabafos, de compromisso humanitário. A conversa foi a metodologia científica, entre duas ou mais pessoas (se tomarmos as referências outras) que se mostrou como necessária, num cenário em que as pessoas tendem não mais conversar. Conversar foi e é algo sério. A conversa se manteve para atingir o objetivo, pois entendo que conversar é algo do cotidiano que mais faço e que Paulo Freire fez – considerando toda sua trajetória.

Aqui trouxe cenas grotescas da conjuntura atual, comandada pelos fascistas que continuam passando, na qual reafirmam a ignorância, a ausência de amor, a busca de um poder único, de um autoritarismo arrogante. A conversa [política] entre um jovem um professor, ambos antifascistas, apresentou-se como uma resistência a essa truculência, comandada pela

extrema direta. Por isso, como entoa Cazuza (1988), “vamos pedir piedade. Senhor, piedade pra essa gente careta e covarde”.

Por tudo aquilo que foi conversado durante todo esse texto, posso enfatizar que aqui tem voz, tem “grito dos oprimidos”, tem currículo, tem história de vida, tem força, tem luta, tem resistência, porém encerro afirmando e convidado a todos/as/es para que – parafraseando Paulo Freire na tentativa de que toda essa conversa possa ficar em você leitor/a, em mim e nos Freires que tem por aí nesse mundo –, “se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar” (FREIRE, 2019, p. 199).

Referências

ANAVITÓRIA. **Amarelo, azul e branco**. Álbum Cor. São Paulo: Universal Music Publishing, 2021. (Participação de Rita Lee).

ANTUNES, André. **A quem interessa a BNCC?**. EPSJV/Fiocruz, 2017. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/a-quem-interessa-a-bncc>. Acesso em: 27 ago. 2021.

BELCHIOR. **Como nossos pais**. Rio de Janeiro: Phonogram, 1976.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto, 1994.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. Lei n.13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF., 26 jun 2014.

CAZUZA. **Blues da Piedade**. Rio de Janeiro: Polygram/Philips, 1988. (Álbum Ideologia, compositor Roberto Frejat).

CAZUZA. **O Tempo Não Pára**. Rio de Janeiro: Polygram/Philips, 1988.

COUBE, André L. da Silva. **A Base Nacional Comum Curricular e a busca da padronização das subjetividades**. Curitiba: CRV, 2021.

DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic; BORTOLAI, Michele M. Silva; LIMA, Rafaela dos Santos. Interstícios e contradições na BNCC de Ciências: análise de Publicações. In: Dutra-Pereira, Franklin Kaic; Bortolai, Michele Marcelo Silva; Nascimento, Tsylla Madowry de Souza Bouças. (Orgs.). **Discutindo a BNCC e suas relações com o Ensino de Ciências/Química**. Cruz das Almas – Bahia: EDUFRB, 2021 (no prelo).

DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic. **Aventuras do contar(se):** narrativas da formação de professores de química à distância. 2019. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

BENVENISTE, Emile. **Problemas de Lingüística Geral.** v. 1. Campinas: Pontes, 2005.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade.** São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **A mensagem de Paulo Freire:** textos de Paulo Freire selecionados pelo INODEP. São Paulo, Nova Crítica, 1977.

FREIRE, Paulo. **A sombra desta mangueira.** 3. ed. São Paulo: Olho d'água, 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança:** um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 70. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

JAKIMIU, Vanessa Campos de Lara. 2021. Extinção da SECADI: a negação do direito à educação (para e com a diversidade). **Revista de Estudos em Educação e Diversidade – REED**, v. 2, n. 3, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/reed.v2i3.8149>. Acesso em: 19 set. 2021.

LEVITSKY, Steven, ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem.** Tradução: Renato Aguiar. 1 ed. São Paulo: Zahar, 2018.

MAKNAMARA, Marlécio. Afinidades e afinações pós-críticas em torno de currículos de gosto duvidoso. In: PARAÍSO, Marlucy A.; MEYER, Dagmar E. E. (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação.** 2. ed., Belo Horizonte: Mazza, 2014. p. 157-176.

MARRACH, Sonia A. Neoliberalismo e Educação. In: GUIRALDELLI JUNIOR, Paulo. (Org.). **Infância, Educação e Neoliberalismo.** São Paulo: Cortez, 1996. p. 42-56. Disponível em: https://www.unitins.br/BibliotecaMidia/Files/Documento/BM_634638873694865000tx_comp1_3_neoliberalismo_e_educacao.pdf. Acesso em: 27 ago. 2021.

MARTINS, Ives Grande da Silva. Primeiro julgar, depois condenar. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 17 mai. 1993, Caderno, p. 2. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=12061&anchor=4783949&origem=busca&pd=7c2c12531742b0996fc3af6808d50e15>. Acesso em: 07 jan. 2018.

MATTOS, Maria Alice Garcia de; CRUZ, Cláudia Gomes; RAIA, Ana Lúcia da Silva; GOMES, Mônica da Silva. (Re)invenções curriculares e cotidianas: a diversidade posta em prática. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade – REED**, n. 2, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/reed.v1i2.7639>. Acesso em 15 set. 2021.

NASCIMENTO, Milton; BRANT, Fernando. **Maria, Maria**. Álbum Saudades do Brasil, 1999.

QUINTANA, Mario. **Poesia completa**. Tania Franco Carvalhal (Org.). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

RIBEIRO, Tiago; SKLIAR, Carlos. Escolas, pandemia e conversação: notas sobre uma educação inútil. **Série-Estudos**, Campo Grande, MS, v. 25, n. 55, p. 13-30, set./dez., 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.20435/serie-estudos.v0i0.1484>. Acesso em 20 set. 2021.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?**. Rio de Janeiro: Ayvu, 2018. (Coleção Ciências e pesquisa em questão).

ROUSSEFF, Dilma. “A corrosão da democracia começou com o impeachment”. Entrevista a Olímpio Cruz Neto. **Focus**. Disponível em: <https://www.brasil247.com/poder/dilma-rousseff-a-corrosao-da-democracia-comecou-com-o-impeachment>. 2021. Acesso em: 8 set. 2021.

SILVA, Ana Lúcia Gomes da; RIO, Ádina Nunes; SILVA, Fabrício Oliveira da. Cartografia das produções sobre profissão docente em contextos de diversidade na Bahia. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade – REED**, v. 2, n. 3, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/reed.v2i3.8099>. Acesso em 16 set. 2021.

SOUZA, Elizeu Clementino de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, v. 25, n. 11, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8285>. Acesso em: 10 set. 2021.

SÜSSEKIND, Maria Luiza. A BNCC e o “novo” Ensino Médio: reformas arrogantes, indolentes e malévolas. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 13, n. 25, p. 91-107, jan./mai. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22420/rde.v13i25.980>. Acesso em: 20 set. 2021.

Recebido em: 9 de setembro de 2021.

Aprovado em: 14 de setembro de 2021.